

# A refutação da sofística no livro Gama da *Metafísica* de Aristóteles

*The refutation of Sophistic in book Gamma of Aristotle's Metaphysics*

M. Reus Engler\*

---

**RESUMO:** Este artigo busca compreender como Aristóteles realiza a refutação da sofística no livro Gama da *Metafísica*. A fim de situar tal discussão, expomos brevemente o escopo fulcral desse tratado – isto é, a constituição da ciência do ente enquanto ente – até o momento em que se enuncia o princípio da não-contradição. Analisamos em seguida a defesa desse princípio e alguns dos argumentos sofísticos apresentados contra ele, bem como as respostas de Aristóteles. Por fim, delineamos quais seriam os principais motivos por que os sofistas se deixam levar por tais erros. Ao longo do texto ressaltamos a pragmaticidade dos argumentos aristotélicos, e a nossa conclusão retoma e comenta esse ponto de modo geral. Em nenhum desses momentos oferecemos tratamento exaustivo das questões e, para dar prosseguimento à exposição, tomamos partido acerca de várias controvérsias sem discutir todas as dificuldades nelas envolvidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aristóteles. Ciência do ente enquanto ente. Princípio da não-contradição. Sofística. Pragmaticidade.

**ABSTRACT:** This article tries to understand how Aristotle carries out the refutation of Sophistic in book Gamma of *Metaphysics*. In order to contextualize such discussion, we briefly expose the main purpose of this treatise – namely, the building of the science of being *qua* being – until the moment when the principium contradictionis is enunciated. Then we analyze the defense of this principle and some of the sophistic arguments raised against it as well as Aristotle's answers, and summarize the most important reasons why the sophists make these mistakes. We also emphasize throughout the text the pragmaticity of Aristotelian arguments and our conclusion comments this point in a general way. It is not offered in any occasion a complete analysis of these questions and we take sides in many controversies without considering all the problems they are involved with.

**KEYWORDS:** Aristotle. Science of being *qua* being. Principle of contradiction. Sophistic. Pragmaticity.

---

## 1- A ciência do ente enquanto ente

A afirmação com que Aristóteles abre o livro Gama da *Metafísica*, passados mais de dois mil e quinhentos anos de Filosofia, deve nos parecer no mínimo ingênua, no bom sentido

---

\* Mestrando em Filosofia-UFSC/ CAPES. Contato: reusengler@gmail.com

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

do termo. Depois de haver apresentado a sua teoria das quatro causas, a sua crítica aos fisiólogos e aos platônicos, a sua noção de desenvolvimento da filosofia e, entre outras coisas, uma série de aporias espinhosas – referimo-nos *grosso modo* aos livros da *Metafísica* que antecedem ao Gama – ele anuncia triunfantemente que existe um estudo próprio do filósofo, uma ciência que contempla a tudo do ponto de vista da universalidade e da pura existência. Se hoje nos soa óbvio que exista essa ciência propriamente ontológica – tão óbvio que a pergunta pelo sentido do ser tende mais e mais a ser esquecida<sup>1</sup> –, tal como se iniciou na Grécia e se manifestou ao longo da história do Ocidente, essa impressão ocorre sem dúvida porque já nos familiarizamos com os esforços da filosofia aristotélica, em especial com o que é dito e alcançado nesse livro. É aqui que Aristóteles inaugura a “ontologia” e a separa de todas as outras ciências particulares, dando-lhe um objeto próprio – o mais primordial, o mais seguro e cognoscível –, estabelecendo-lhe um método e enunciando seu princípio mais importante<sup>2</sup>. Assentadas as bases dessa ciência, peculiar em razão de certas características, ele poderá dar respostas cabais a seus adversários, os sofistas, os quais partilham de algumas posturas que, caso sejam levadas a sério, podem entrar a constituição de qualquer gênero de conhecimento válido acerca do mundo, quer no âmbito científico, quer no âmbito da vida cotidiana. Por conseguinte, há um trajeto que vai do delineamento da nova ciência até a enunciação de um de seus princípios, a partir do que começam as discussões críticas e refutações das teses sofísticas.

Essa ciência que ele apresenta e elabora se diferencia das demais, em primeiro lugar, porque anseia por contemplar o ente enquanto ente e o que lhe é próprio, deixando de lado seus múltiplos aspectos particulares. Há várias ciências especializadas – e já era assim no tempo de Aristóteles<sup>3</sup> – que consideram os entes sob diferentes aspectos: a matemática

<sup>1</sup> Segundo Heidegger, a pergunta pelo sentido do ser (Seinsfrage) foi esquecida ao longo da História, e já não nos sensibilizamos diante ela. Contudo, ela era essencial para os antigos. “A questão referida não é, na verdade, uma questão qualquer. Foi ela que deu fôlego às pesquisas de Platão e Aristóteles para depois emudecer como *questão temática de uma real investigação*”. HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Traduzido por Márcia Sá C. Schuback. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, p. 27 (Grifo do autor).

<sup>2</sup> É óbvio que quem criou a ontologia ou a metafísica, no entanto, foi Platão. A diferença entre entes sensíveis e inteligíveis, bem como o voltar-se para os discursos puros em detrimento do estudo da natureza, cena dramatizada no relato de Sócrates no *Fédon*, constituem a verdadeira “*magna charta* da metafísica ocidental”. REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. Traduzido por Henrique C. L. Vaz e Marcelo Perine. v. 2. São Paulo: Loyola, 1994, p. 49. Aristóteles inaugura a ontologia no sentido de que sistematiza sua relação com as outras ciências, algo apenas esboçado por Platão. Cf. PLATÃO. “*Fédon*”. Traduzido por Jorge Paleikat e João C. Costa. In: *Diálogos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, 96a-102a. (Col. Os Pensadores).

<sup>3</sup> Apesar de já ter se desenvolvido nesse tempo a matemática, assim como a medicina e a própria filosofia, podemos supor que a existência de uma ciência do universal fosse objeto de controvérsia entre os filósofos da

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – N°. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

investiga-os sob a perspectiva dos números ou da quantidade, enquanto que a física leva em conta seu pertencimento à natureza. Embora uma possa usar dos resultados da outra, elas não se voltam completamente para o mesmo objeto, pois se mantêm no interior de certa unidade genérica e ambas pressupõem a existência das coisas sem se interrogarem explicitamente por isso. Esta ciência em vias de se concretizar, ao contrário, só considera o ente pelo simples fato de ele existir, e tenta conhecer seus princípios e suas causas mais altos; aquilo que é tacitamente aceito por todos, sem que seja trazido à tona, é aqui interpelado às claras<sup>4</sup>. É provável que Aristóteles visse, nessa tentativa, projeto similar ao dos filósofos que lhe antecederam, pois acredita que, assim como eles se empenharam em conhecer os elementos do ente essencial, desconsiderando suas facetas acidentais, ele também dirige seus olhos para aquilo que existe essencialmente. De fato, os acidentes são qualidades fortuitas que podem ou não pertencer a um sujeito – como o fato de alguém estar sentado ou em pé, de usar esta ou aquela roupa etc. – e, por não possuírem universalidade e dependerem de algo a partir do quê são ditos, não podem servir de fundamento para nenhuma ciência de índole universalista. Da mesma maneira como a sabedoria diligentemente perscrutada e definida no livro Alfa era ciência do universal (*ἡ καθόλου ἐπιστήμη*)<sup>5</sup>, a disciplina de agora esquadrinha os princípios e as causas do ente em sua essência, não em seus inúmeros meandros acidentais.

Contudo, em sua própria essência o ente se manifesta e se diz de muitos modos. Há uma multiplicidade de empregos do verbo “ser”, diferente de simples homonímia, assim como uma multiplicidade de formas através das quais o ente vem à luz<sup>6</sup>. Aristóteles já anunciara tal

---

época, donde a ênfase de Aristóteles em sua construção. Se isso for verdade, Aristóteles então estaria introduzindo mais uma novidade no mundo científico, de modo similar ao que fizera com o estudo da biologia. Cf. CORNFORD, F. M. *Antes e depois de Sócrates*. Traduzido por Valter L. Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 83.

<sup>4</sup> Não é preciso ressaltar mais uma vez o quanto este projeto e esta maneira de ver as ciências são similares ao que Husserl fará em sua Fenomenologia. Os paralelos saltam aos olhos: a diferença entre ciências de fatos e ciências eidéticas; entre ontologias regionais e a região formal ou *mathesis universalis*; os substratos últimos como termos ou sujeitos das proposições; o indivíduo, o “isto aqui” (*tóde ti*) cuja essência material é concreta; os princípios lógicos como conhecimentos hauridos diretamente da região formal ou da ontologia. Cf. HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Traduzido por Márcio Suzuki. Aparecida: Idéias e Letras, 2006. Apesar das semelhanças, não se devem ignorar as peculiaridades de ambas as teorias, principalmente no que toca à concepção grega de ciência e de conhecimento. Cf. MORUJÃO, A. F. A Filosofia como Saber Rigoroso de Fundamentação. In: *Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia*. Braga: Faculdade de Filosofia, 1982. Tomo XXXVII da *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, v. II, fascículo 4, outubro/dezembro, 1982, p. 32-49.

<sup>5</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 982a, 21-23.

<sup>6</sup> Escrevemos que o ente se manifesta e se diz de muitos modos porque pensamos que a afirmação aristotélica possui caráter simultaneamente ontológico e semântico. A mesma opinião é partilhada pelo professor Angioni no que concerne às categorias Cf. ANGIONI, L. *Introdução à teoria da predicação em Aristóteles*. São Paulo: Editora Unicamp, 2006, p. 18.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

diversidade no livro Alfa, ao afirmar que os filósofos comprometem de antemão suas pesquisas se não distinguem os vários modos de se dizer o ente<sup>7</sup>. Com efeito, se olharmos para as coisas do mundo, notaremos que todas elas possuem o predicado da existência: uma cadeira, algo branco, dois metros, o correr e o vestir um sapato são indubitavelmente modos de ser. É claro, porém, que ao empregarmos o verbo “ser”, em cada um desses casos, não estamos a nos exprimir no mesmo sentido, pois ora designamos qualidades acidentais (branco, o correr etc.), e ora designamos substâncias (cadeira). Aristóteles vê nas substâncias um sentido primordial de uso do verbo ser. Assim como todo o saudável se diz em relação à saúde – o remédio porque a produz, a boa alimentação porque a conserva etc. –, assim também esses modos de ser se referem à substância, podendo ser sua negação, sua afecção, sua privação *et similia*<sup>8</sup>. A substância serve como foco que orienta os outros modos de ser, permitindo que através desse norteamento construa-se uma ciência com certa unidade, sem que seja por isso genérica<sup>9</sup>. Em verdade, se a ciência fosse genérica, organizada segundo algo uno (καθ’ ἑν), ela não se diferenciaria das ciências particulares, a não ser pelo fato de que o aspecto de cada um dos objetos que lhe concerne, a existência, é eminentemente anterior a todos os demais, estudados por outras ciências. A unidade que a substância garante, ao contrário, é aquela em relação a uma natureza única (πρὸς ἑν), e por isso a ciência que nela se baseia não é genérica e nem particular, como o são a matemática ou a física<sup>10</sup>. Além disso, Aristóteles afirma que a ciência sempre trata do que é primeiro, daquilo do que dependem as demais coisas e a partir do quê elas são ditas<sup>11</sup>. Ora, sendo isso a substância, torna-se claro que a ciência do *ens qua ens* é na verdade ciência da substância, ou usiologia<sup>12</sup>.

Não se limitará essa usiologia, entretanto, a investigar apenas o ente enquanto ente, mas estudará também seus atributos essenciais, como foi dito acima. Ela se ocupará de suas espécies, de suas afecções, de certos conceitos (mesmo, outro, semelhante) e de seus opostos, da unidade e do que se lhe opõe. Há um alargamento do estudo que abarca tudo o que está

<sup>7</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 992b, 18-20.

<sup>8</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1003b, 5-11.

<sup>9</sup> BARNES, J. *Metaphysics*. In: Barnes, J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge University Press, 1995, p. 66-108, p. 76.

<sup>10</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1003b, 13-15.

<sup>11</sup> Op. cit., ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1004a, 26.

<sup>12</sup> REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. Traduzido por Henrique C. L. Vaz e Marcelo Perine. v. 2. São Paulo: Loyola, 1994, p. 352-3.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

essencialmente ligado à substância<sup>13</sup>. Ademais, ela há de estudar os axiomas da matemática, pelo menos por três motivos: porque eles se aplicam a todos os entes e não a algum gênero em particular; porque eles são princípios do ente enquanto ente; e porque todo o mundo se serve deles<sup>14</sup>. É curioso comparar esse juízo de Aristóteles com algo que ele diz no livro Alfa. Se aqui os axiomas da matemática, princípios do ente enquanto ente, são vistos como objetos da ontologia – o que levou certos autores a supor que esta se converta em lógica<sup>15</sup> – lá alguns filósofos são criticados por fazerem da matemática filosofia<sup>16</sup>. Entendemos esse aparente conflito se atentamos para a universalidade de tais princípios, a qual, fazendo deles algo próprio do ente em sua essência, torna seu conhecimento obrigatório para o filósofo.

Depois dessas considerações e de outras não mencionadas, que se encontram nos dois primeiros capítulos do livro, a ciência do ente enquanto ente já está mais ou menos caracterizada, e Aristóteles pode então considerar natural que o filósofo, por ser aquele que mais conhece acerca do objeto dessa ciência, possa enunciar os princípios mais firmes sobre as coisas. O princípio da não-contradição é apresentado como o mais seguro de todos os outros princípios; a sua posse e o seu uso são anteriores a todo o conhecimento; a evidência de sua correção é de todas a melhor; e, por ele não ser hipotético, não é possível que alguém se engane a seu respeito<sup>17</sup>. Sempre que tentamos pensar um ente, ou que pronunciamos alguma palavra com o intuito de significar alguma coisa, já estamos nos valendo de tal princípio; e o mesmo ocorre nas demonstrações realizadas em matemática e em outras ciências. Se tomarmos como metodológicas todas as demais distinções e demonstrações que Aristóteles veio realizando até aqui – distinções e demonstrações essas que lhe permitiram destacar os traços fulcrais da ciência que buscava – esse princípio então parece ser o primeiro saber positivo que a ciência do *ens qua ens* nos proporciona. A sua enunciação é a seguinte: “É impossível, pois, que um mesmo atributo simultaneamente pertença e não pertença a um

<sup>13</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1004a-1004b.

<sup>14</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1005a, 21-28.

<sup>15</sup> “Dito de maneira aproximada, metafísica, tal como o livro Gama a descreve, é lógica”. BARNES, J. *Metaphysics*. In: Barnes, J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge University Press, 1995, p. 72.

<sup>16</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 992a, 32-992b,1.

<sup>17</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1005b, 8-18.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

mesmo sujeito sob o mesmo sentido”<sup>18</sup>. Ou seja, o ser e o não-ser não podem ocorrer simultaneamente e sob o mesmo aspecto num mesmo sujeito; características contraditórias só podem se apresentar num sujeito sob diferentes perspectivas, ou então sucessivamente, mas nunca ao mesmo tempo e sob a mesma perspectiva. Com isso fica assegurada certa estabilidade do mundo e da predicação, e a completa mixórdia dos mobilistas, donde se deriva o fracasso do conhecimento científico, pode ser afastada com êxito.

Veremos agora como Aristóteles defende esse princípio diante daqueles que pretendem negá-lo.

## 2- A refutação dos sofistas, mobilistas e sensacionistas

Antes de tudo, cabe ressaltar que a argumentação aristotélica que se segue é de fato refutação, e não demonstração do princípio que ele deseja defender. De maneira muito consciente, Aristóteles sabe que não pode exigir que seu adversário reconheça que algo é ou não é, pois cairia assim numa *petitio principii*, tomando como ponto de partida aquilo que é o seu objetivo; ele precisa evidenciar por refutação (ἐλεγκτικῶς) a impossibilidade da tese oposta<sup>19</sup>. De resto, ele salienta que todas as demonstrações remontam a essa crença última (ἔσχατην δόξαν), razão por que dela não se pode exigir demonstração sem que se dêem provas de ignorância – pois é necessário saber o que deve e o que não deve ser demonstrado – ou sem que se inicie série infinita de argumentos, que por si só terminaria com a fundação segura da ciência<sup>20</sup>. Por ser o mais firme dos princípios do ente enquanto ente, a não-

<sup>18</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1005b, 19-20. Tradução nossa. “Es imposible, en efecto, que un mismo atributo se dé y no se dé simultáneamente en el mismo sujeto y en un mismo sentido”.

“τὸ γὰρ αὐτὸ ἅμα ὑπάρχειν τε καὶ μὴ ὑπάρχειν ἀδύνατον τῷ αὐτῷ καὶ κατὰ τὸ αὐτό”.

<sup>19</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1006a, 15-19. Aliás, um simples exemplo da negação do princípio encetada pela sofística se encontra na famosa sentença de Protágoras: “Acerca de toda a coisa, há dois discursos opostos um ao outro”. δύο λόγους εἶναι περὶ παντὸς πράγματος ἀντικειμένους ἀλλήλοις. DIELS, H. & KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 17. ed. Zürich: Weidmann, 1989. Fr. 6a, 1-2. (Tradução nossa). As antilogias ou discursos duplos, bem como as tetralogias de Antifonte, que elevam ao quadrado a duplicidade dos argumentos, constituem outros exemplos da mesma tese.

<sup>20</sup> “O capítulo 4 continua justamente comentando a “falta de educação” daqueles que pedem uma demonstração para todas as coisas. Segundo Aristóteles, tal exigência é “auto-contraditória” desde um ponto de vista pragmático, pois tornaria impossível qualquer demonstração, dado que se cairia em um regresso ao infinito”. ALMEIDA, N. *Os princípios de verdade no livro IV da Metafísica de Aristóteles*. Revista *Princípios*, Natal, v. XV, n. 23, jan/jun. 2008, p. 05-63, p. 19.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – N.º. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	----------------	---------------	----------

contradição serve como condição de possibilidade ou como fundamento para a realização de todas as demonstrações e raciocínios, e está pressuposta em qualquer discurso que possua sentido definido, mesmo no âmbito cotidiano. É nesse sentido que ela não é hipotética, isto é, não se pode escolher entre usá-la ou não usá-la, tampouco se pode pôr outro princípio em sua frente<sup>21</sup>. Uma conversa entre duas pessoas não seria possível se elas não a utilizassem, pelo simples motivo de que não haveria diferença entre os significados mais singelos das palavras e não se poderiam discernir claramente o conteúdo e o sentido das frases trocadas. Tampouco um indivíduo poderia negá-la em seu foro íntimo, sustentando e ao mesmo tempo negando determinada crença. E, por fim, os próprios entes não poderiam existir se lhe não obedecessem, porque assim se tornariam indeterminados e perderiam sua essência: um homem seria também um pássaro, e uma embarcação, e uma muralha etc. Assim, essa lei geral do ser possui no mínimo três facetas: semântico-lógica, psicológica e ontológica<sup>22</sup>.

Aristóteles socorre-se de um estratagema, portanto, para fazer valer sua posição. Deixa que seus adversários exponham suas teses e os faz ver como isso só é possível através do uso e da aceitação prévia do princípio que pretendem destruir. A primeira parte de seus arrazoados é indubitavelmente lógico-semântica: ele apenas precisa que seu oponente profira alguma coisa declarativa ( $\tau\lambda$ ), pois a simples linguagem já nos presenteia com algo determinado e pleno de sentido, que não viola o princípio. Se o oponente nada disser, ou se disser algo fora do registro apofântico, então é risível que se discuta com ele, e esse homem parecer-se-á mais com uma planta do que com um ser humano. Somente o silêncio obstinado poderia inviabilizar o expediente aristotélico<sup>23</sup>. Nas palavras de Sir David Ross: “Um ceticismo

<sup>21</sup> ALMEIDA, N. *Os princípios de verdade no livro IV da Metafísica de Aristóteles*. Revista *Princípios*, Natal, v. XV, n. 23, jan/jun. 2008, p. 05-63, p. 11.

<sup>22</sup> Sir David Ross acredita que, juntamente com o princípio da não-contradição, está também enunciado o princípio do terceiro excluído. ROSS, Sir D. *Aristotle*. 6. ed. London and New York: Routledge, 1995, p. 166. Esta posição é partilhada por outros intérpretes. “O princípio do terceiro excluído está presente porque o Estagirita invoca implicitamente aqui a oposição por contradição do quadrado lógico, oposição explicitada no tratado Da interpretação e usada ao longo de toda a exposição sobre os silogismos nos Primeiros analíticos, assim como nas formas possíveis de prova e refutação nos Tópicos”. ALMEIDA, N. *Os princípios de verdade no livro IV da Metafísica de Aristóteles*. Revista *Princípios*, Natal, v. XV, n. 23, jan/jun. 2008, p. 05-63, p. 15. As três facetas do princípio, como se sabe, eram já notadas na clássica análise de Lukasiewicz. LUKASIEWICZ, J. “Sobre a lei da contradição em Aristóteles”. Traduzido por Raphael Zillig. In: ZINGANO, M. (org). *Sobre a Metafísica de Aristóteles. Textos Seleccionados*. São Paulo: Odysseus, 2005, p. 1-25, p. 02.

<sup>23</sup> Bárbara Cassin ressalta como essa condição para existência do diálogo e para exequibilidade da prova possui caráter transcendental, uma vez que estabeleça as regras de possibilidade do discurso. Para ela, tal exigência de sentido tem inegável cariz ético, e pode ser comparada com as modernas teorias do consenso, como a de Habermas: trata-se da exclusão transcendental de certas pessoas e de certos modos de argumentar. “Ou, simplesmente, o senso comum, para ser tanto senso quanto comum, produz não-sentido, insensatos, e não-

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------



consistente deve ser silencioso”<sup>24</sup>. Além disso, Aristóteles enfatiza que ao menos as expressões ser e não-ser possuem sentido definido (ὄρισμένον), tal como ocorre, por exemplo, com a essência do homem, que significa algo preciso – animal bípede –, incapaz de ser confundido com seu contrário. Não importaria que alguém dissesse que “homem” significa várias coisas além da definição dada acima, contanto que essas fossem limitadas e capazes de receber cada uma um nome, conforme o conceito que expressam. Apenas não pode acontecer que alguém, ao falar, não signifique nada, pois desse modo não haveria diálogo com outrem e nem consigo mesmo. Se significar alguma coisa, ou se simplesmente chegar a pensá-la, já haverá algo preciso a que se pode aplicar um nome, e o princípio estará sendo usado, pois os nomes significam algo uno<sup>25</sup>. Vê-se claramente como Aristóteles apela para uma das capacidades mais básicas do ser humano, a comunicação, a fim de refutar seus adversários. Quem não aceita o princípio, a rigor não pode nem ao menos estabelecer qualquer vínculo lingüístico no interior de uma comunidade, nem ao menos nomear os objetos mais simples do cotidiano, usados entre outras coisas para garantir sua sobrevivência. Não parece que ele esteja a pressupor sua teoria da substância, mas sim que esteja a argumentar com base em algo muito mais simples, a saber, a efetividade da nossa linguagem<sup>26</sup>. Mesmo no âmbito lingüístico, lidar com as coisas mais mezinhas – e este é o sentido original da pragmaticidade – implica aceitar que elas se diferenciam entre si e repelem a contradição.

Sem abandonar a esfera lógico-semântica em que vinha desenvolvendo a refutação, Aristóteles se volta, todavia, para o lado mais ontológico do problema, afirmando que a dificuldade não está em saber se o nome “homem” significa uma ou mais coisas, mas sim se a própria coisa (τὸ πρᾶγμα) o faz. Essa mudança justifica as digressões seguintes sobre a substância e os acidentes; há um esforço visível para demonstrar que os próprios entes, não

---

comum, inumano”. CASSIN, B. *Ensaio sofísticos*. Traduzido por Ana L. de Oliveira e Lúcia C. Leão; Transliteração do grego e revisão técnica e filosófica Maura Iglesias. São Paulo: Ed. Siciliano, 1990, p. 209.

<sup>24</sup>“A consistent skepticism must be speechless”. ROSS, Sir D. *Aristotle*. 6. ed. London and New York: Routledge, 1995, p. 167. Pode-se acrescentar a isso o inteligente juízo de Bárbara Cassin, segundo o qual, se nos basearmos na experiência de Crátilo, não só o silêncio, mas também o ruído é uma maneira de rebater as condições de Aristóteles, já que em ambos os casos não se pronuncia nada de determinado. CASSIN, B. *Ensaio sofísticos*. Traduzido por Ana L. de Oliveira e Lúcia C. Leão; Transliteração do grego e revisão técnica e filosófica Maura Iglesias. São Paulo: Ed. Siciliano, 1990, p. 37. Zingano também nota que o respondente deve pronunciar algo que se encaixe no registro apofântico ou declarativo, isto é, uma expressão que signifique algo do mundo (falsa ou verdadeiramente). De nada vale dizer “ai” ou “oxalá”. ZINGANO, M. *Notas sobre o Princípio de Não Contradição em Aristóteles*. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, v. XIII, Série 3, n. 1, jan./jun. 2003, p. 7-32, p. 19.

<sup>25</sup>ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1006b, 1-12.

<sup>26</sup>ZINGANO, M. *Notas sobre o Princípio de Não Contradição em Aristóteles*. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, v. XIII, Série 3, n. 1, jan./jun. 2003, p. 7-32.p. 20.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------



sendo meros agregados de propriedades acidentais, possuem tal ou qual grau de definibilidade substancial. Com efeito, o mundo se divide para Aristóteles em substâncias e acidentes, isto é, em sujeitos compostos tanto por uma essência universal quanto por qualidades fortuitas, que agem uns sobre outros<sup>27</sup>. Entre as substâncias há também diferenças: algumas possuem existência separada e são mutáveis (objetos naturais); algumas não possuem existência separada e são imutáveis (objetos matemáticos); e outras possuem existência separada e são imutáveis (Deus)<sup>28</sup>. Se não houver o papel de subsistência desempenhado pelas substâncias, então teremos algo similar a um turbilhão de qualidades desconexas ou a uma completa indiferenciação na unidade, pois elas são os indivíduos propriamente ditos – determinados, cognoscíveis, identificáveis e re-identificáveis – sobre os quais incidem e para os quais tendem as qualidades fortuitas. Não há como pensar num lugar, numa relação, numa ação ou em outro dos acidentes sem que pensemos também num indivíduo que os realize ou acolha. Em verdade, Aristóteles escreve nas *Categorias* que, em não existindo as substâncias, nada mais poderia existir<sup>29</sup>. Assim, é estando já guarnecido por sua teoria que ele renega as teses adversárias.

Ele começa por dizer que, se alguém pergunta se algo é ou não homem, não se deve dar como resposta uma enumeração de seus infinitos acidentes, porque dessa forma violar-se-ia o princípio e a recitação das características fortuitas nunca chegaria a um fim. Há uma forma correta de se responder. Cada ente, com efeito, realiza uma essência universal e acolhe também infinitos predicados acidentais, como ficou dito acima: o homem, por exemplo, é também calvo, alto, branco, pai etc. A resposta que o designa deve referir apenas a sua essência, que é finita e determinada. Quem age contrariamente, citando os acidentes, destrói a substância e cai em série interminável de predicados, porquanto também tenha destruído o ente primeiro a partir do qual as coisas são ditas<sup>30</sup>. Todavia, mesmo essa série é de alguma forma impensável em sentido extremo, pois, dado que os acidentes possuam o mesmo estatuto

<sup>27</sup> BARNES, J. *Metaphysics*. In: Barnes, J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge University Press, 1995, p. 66-108, p. 77; ROSS, Sir D. *Aristotle*. 6. ed. London and New York: Routledge, 1995, p. 164.

<sup>28</sup> ROSS, Sir D. *Aristotle*. 6. ed. London and New York: Routledge, 1995, p. 163-4.

<sup>29</sup> ARISTÓTELES. *Aristotelis Categoriae et Liber de Interpretatione*. MINIO-PALUELLO (ed.). Oxford, New York, Oxonii, Typographeo Clarendoniano, 1949, 2b, 5-6.

<sup>30</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid, Gredos, 1982, 1007a, 9-23. Há excelente análise deste ponto em: ALMEIDA, N. *Os princípios de verdade no livro IV da Metafísica de Aristóteles*. Revista *Princípios*, Natal, v. XV, n.23, jan./jun. 2008, p. 05-63, p. 44.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – N° 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	----------

ontológico, não sendo um mais acidente que o outro<sup>31</sup>, não pode haver acidente de acidente. Logo, é preciso que haja uma substância e que a seqüência de qualidades venha a estacar em algo que lhe subjaz. Ademais, se não houvesse a substância, tanto as afirmações quanto as negações de uma coisa seriam igualmente verdadeiras, e tudo se transformaria em unidade indiferenciada ou estaria sujeito ao fluir sensível, sumindo as diferenças, por exemplo, entre um muro e um trirreme<sup>32</sup>. Novamente a existência dos indivíduos determinados, que impede a livre predicação das negações, serve para repelir tal opinião, derivada dos escritos de Protágoras. Aristóteles acredita que, valesse a doutrina do sofista, então todos os homens diriam simultaneamente a verdade e a mentira, o certo o errado, e a tese voltar-se-ia contra si mesma. O defensor de tal postura, então, simultaneamente diria e não diria essas coisas, acreditaria e não acreditaria no que diz. Ora, se assim fosse, ele não poderia nem ao menos produzir ruídos, e outra vez comparar-se-ia a uma planta<sup>33</sup>. Aristóteles refuta, por conseguinte, seu oponente apenas pela constatação de que esse fala e crê nas coisas de modo determinado.

Além desse argumento, por si mesmo pragmático, já que baseado numa maneira eficiente de se perguntar e responder, ele ainda ajunta o seguinte: os defensores dessa tese sofística, no seu dia-a-dia, fazem distinções entre as coisas e acabam assim por desacreditarem a si mesmos. Com efeito, se não elaborassem distinções entre o bem e o mal, por exemplo, então não haveria motivo para se desviarem de um poço com que se deparam, e seria indiferente cair nele ou passar ao seu lado. Mas todos parecem evitar certas coisas e escolher a outras; logo, aceitam o princípio da não-contradição na orla de seus atos mais triviais e não são coerentes com o que professam<sup>34</sup>. Em nenhum ponto manifesta-se mais

<sup>31</sup> Segundo *Categorias*, as substâncias também possuem o mesmo estatuto ontológico, e uma não é mais substância do que a outra. Cf. ARISTÓTELES. *Aristotelis Categoriae et Liber de Interpretatione*. (Ed.) MINIO-PALUELLO. Oxford, New York: Oxonii, Typographeo Clarendoniano, 1949, 3b, 34.

<sup>32</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1007b, 18-23. Platão, no *Teeteto*, chega à mesma conclusão: se nada há em si e por si mesmo, é impossível determinar algo com acerto, sendo a mesma coisa simultaneamente grande e pequena. Cf. PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Traduzido por Carlos A. Nunes. Belém, UFPA, 1988, 152d-e. O professor Nazareno de Almeida vê nessa argumentação uma defesa do lema de Quine – nenhuma entidade sem identidade –, isto é, um a defesa do princípio de identidade, ainda que sob forma predicativa. ALMEIDA, N. *Os princípios de verdade no livro IV da Metafísica de Aristóteles*. Revista *Princípios*, Natal, v. XV, n.23, jan./jun. 2008, p. 05-63, p. 49, nota 53.

<sup>33</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1008b, 7-11.

<sup>34</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1008b, 15-27. Pode-se citar como exceção Pirro de Élis, que, segundo Diógenes Laércio, não se desviava de poços, se bem que por razões diferentes: “Sua vida foi coerente com sua doutrina. O filósofo não saía de seu caminho por coisa alguma e não tomava qualquer precaução; ao contrário, mostrava-se indiferente em face de todos os perigos que se lhe deparavam, fossem eles carros, precipícios ou cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos. Mas, de acordo com o testemunho de Antígonos de Caristos, eram os amigos, seus acompanhantes habituais, que o

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – N°. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

agudamente a consciência pragmática de Aristóteles. Ele não se aparta daquele gênero de conhecimento que adquirimos pelos simples fato de estarmos em constante relação com as coisas do dia-a-dia; apenas os sofistas, extravasando sua argumentação em prol da força, esquecem que, a fim de realizarmos as singelas ações da nossa vida, precisamos efetuar distinções, juízos de valor, discriminações e demais processos que nos levam a acatar uma coerência de todo diversa da contradição. Tal como a pequena antropologia filosófica desenvolvida mormente no livro Alfa o demonstra, somos capazes de sistematizar como experiência, via juízos universais, aquilo que aprendemos na esfera das sensações, ainda que não possamos dizer o porquê de serem as coisas deste ou daquele jeito<sup>35</sup>. E toda a alma sensitiva, apenas por ser dotada de tato, o primeiro dos sentidos a aparecer, já consegue discernir o prazeroso e o dolorido, uma discriminação que sem dúvida necessita do *principium contradictionis* para funcionar<sup>36</sup>. Assim, já no âmbito das sensações erigimos um saber natural, ligado às ações e às práticas de nossa existência rotineira, que não é contraditório. A tendência a ignorar esse fato, contudo, é grega em sua origem, e atingirá seu cume com o desenvolvimento posterior do ceticismo.

De resto, aqueles que argumentam a favor da indiferença entre sono e vigília também não levam a sério seus argumentos e são refutados por sua prática: ninguém que sonhou estar em Atenas, estando na Líbia, dirige-se ao Odeão ao acordar. Todos reconhecem que sonharam e que agora se acham despertos, sendo que a vigília é mais verdadeira do que o sonho<sup>37</sup>. Embora os gregos dedicassem meio-dia ao sono e meio à vigília, e considerassem verdadeiras ou proféticas muitas das cenas oníricas que presenciavam, ainda assim sabiam que o mundo da vigília era o real. Tal como nos acontece, sabemos diferenciar quando estamos acordados

---

salvavam dos perigos”. LAÉRCIO, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Traduzido por Mário G. Kury. Brasília: Editora UNB, 1988, p. 268. Zingano também menciona Pirro nessa passagem; para ele, o cético referia-se a Aristóteles em suas atitudes: “Aparentemente, Pirro quis fazer de sua vida uma refutação do argumento da apraxia de Aristóteles”. ZINGANO, M. *Notas sobre o Princípio de Não Contradição em Aristóteles. Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, v. XIII, Série 3, n. 1, jan./jun. 2003, p. 7-32, p. 12. Apesar de tais reflexões, não se pode comparar sem mais nem menos o ceticismo com a sofística; há várias diferenças nada desprezíveis entre essas duas correntes do pensamento grego. Cf. VERDAN, A. *O ceticismo filosófico*. Traduzido por Jaimir Conte. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998, p. 13.

<sup>35</sup> Ver o primeiro capítulo do livro Alfa. ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2ª ed. Madrid: Gredos, 1982.

<sup>36</sup> ARISTÓTELES. *De Anima*. Traduzido por Maria C. G. dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2007, 414b, 1-6.

<sup>37</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1010b, 10.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – N°. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

ou adormecidos, e o sabemos não por nada em especial, como alguma prova metafísica, mas por simples tato ou sensatez, uma questão de nos arranjarmos com as coisas<sup>38</sup>.

Mesmo que a realidade fosse como pretendem os sofistas, Aristóteles escreve que ainda assim haveria o mais e o menos, inerente à natureza dos entes, que provaria a existência e a validade do princípio a ser defendido. De fato, ninguém afirma que dois e três são pares, e ninguém confunde o quatro com o cinco<sup>39</sup>. A matemática, como já acontece em Platão, se presta para rebater o completo mobilismo e para garantir alguma coerência contra a imoderação dessa teoria. Ademais, mesmo na mudança há certa ordem e diferenciação. Os seguidores de Heráclito e de Crátilo devem admitir que aquilo que está perdendo alguma coisa, tem algo do que está perdendo; que aquilo que vem a ser, vem a ser a partir de algo que já é; que se algo está se corrompendo, então há algo que é; e que algo está sendo gerado, então é necessário haver alguma coisa a partir da qual se gera e pela qual é gerado, sem que isto proceda ao infinito<sup>40</sup>. Tanto a mobilidade quanto a potência pressupõem a atualidade da substância. Aristóteles admite que possa haver mudança na quantidade de algo, mas não em sua qualidade. O vinho, por natureza doce, pode até se tornar amargo, contanto que ele se modifique ou que se modifique quem o degusta; mas o próprio doce que nele manifesta a sua natureza não pode se amargar, isto é, as qualidades não perdem sua definibilidade simplesmente porque uma coisa se nos apresenta de maneira contraditória<sup>41</sup>. Há uma necessidade que não pode ser deixada de lado sem a perda de todos os discursos e das próprias coisas.

Por fim, como essa postura acima apregoa que só existam sensações, Aristóteles demonstra a necessidade de que os sujeitos que recebem as sensações existam previamente a elas, isto é, de que haja algo além do puro fluir estético. A sensação é afecção de quem é capaz de sentir (seres animados), e não é sensação de si mesma, mas de algo que lhe é anterior. Ainda que se concedesse só haver entes sensíveis – o que não é caso para Aristóteles

<sup>38</sup> Platão também menciona tal argumento no *Teeteto*. Cf. PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Traduzido por Carlos A. Nunes. Belém: UFPA, 1988, 157e. Em verdade, a questão do sonho persistirá no interior do ceticismo, mesmo quando apenas metodológico, como no caso de Descartes. A ela também se associam os argumentos retirados da experiência dos estados patológicos. Cf. VERDAN, A. *O ceticismo filosófico*. Traduzido por Jaimir Conte. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998, p. 28.

<sup>39</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1008b, 32-35.

<sup>40</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1010a, 16-22. No *Teeteto*, Platão estabelece três proposições similares para reger o devir. Cf. PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Traduzido por Carlos A. Nunes. Belém: UFPA, 1988, 155a-c.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

– pressupor-se-ia com isso a existência de sujeitos, e por conseqüência de substâncias<sup>42</sup>; e, uma vez havendo algo que subsista em si e por si, é impossível que todas as coisas sejam relativas. As substâncias novamente servem como baluarte para a significação, assim como para a diferenciação dos entes entre si.

Desse modo, negados o sensacionismo e o mobilismo absolutos, Aristóteles mantém a validade do princípio da não-contradição. Como vimos de modo assaz abreviado, a sua argumentação recorre constantemente a fatos ordinários do mundo, tendo inegável cariz pragmático. Ele parte da constatação de que no cotidiano fazemos diferenças entre as coisas, comunicamo-nos uns com os outros, separamos o sono da vigília, atribuímos qualidades determinadas aos entes e usamos de uma esfera – a dos números – que se não reduz à sensibilidade. A maneira de lidarmos com as coisas lhe oferece evidências claras da validade do princípio supremo<sup>43</sup>. A sua teoria vem explicar por que razões isso é assim: é porque há as substâncias, coisas em si e por si que acolhem os acidentes e a partir das quais ocorre a predicação; porque há ordem mesmo na mudança, e esta pressupõe a atualidade; porque a sensação depende de sujeitos; e porque, em suma, um mesmo atributo não pode pertencer simultaneamente a um mesmo sujeito sob um mesmo aspecto. Isso tudo serve para podar os excessos de seus adversários. Esses, de fato, cometem tais erros por vários motivos, que passaremos a explicar brevemente.

### 3- Etiologia do erro

Tratando de seus oponentes de modo geral, Aristóteles elabora uma analogia para ilustrar que aqueles que simplesmente opinam, sem saber das coisas cientificamente, não estão bem dispostos em relação à verdade, assim como os doentes não estão bem dispostos em relação à saúde. As pessoas saudáveis estão para a saúde, por seu turno, tal como os que

<sup>41</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1010b, 21-26.

<sup>42</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1010b, 30-35.

<sup>43</sup> Lukasiewicz nota como o princípio tem mais valor ético e prático do que lógico. “A lei de contradição, de fato, não tem valor lógico, uma vez que pode valer apenas como suposição; contudo, cabe-lhe um valor ético-prático que, por isso mesmo, é ainda mais importante. *O princípio da contradição é a única arma contra o engano e a mentira*”. LUKASIEWICZ, J. “Sobre a lei da contradição em Aristóteles”. Traduzido por Raphael Zillig. In: ZINGANO, M. (org). *Sobre a Metafísica de Aristóteles. Textos Seleccionados*. São Paulo: Odysseus, 2005, p. 1-25, p. 21 (Grifo do autor).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

possuem ciência acerca do que falam estão para a verdade<sup>44</sup>. Além disso, ele divide seus adversários em dois grandes grupos: há os que chegaram a tais doutrinas extremistas através da dúvida, e há os que simplesmente falam por falar. Os primeiros podem ter sua ignorância sanada, uma vez que serão enfrentados na esfera do pensamento e não na das palavras; eles apenas necessitam de persuasão para verem os próprios erros. Os outros, por sua vez, não podem receber cura completa, e o máximo que podemos fazer é refutá-los na voz e nos discursos, pois eles carecem de certo uso da força para se darem por vencidos<sup>45</sup>. Parece que no primeiro grupo entram aqueles filósofos “honestos” que tentaram chegar à verdade, perfilhando, contudo, crenças errôneas que os desencaminharam; é o caso de Empédocles, de Parmênides, de Heráclito e de outros. No segundo grupo, ao contrário, entram aqueles homens de saber cujo verdadeiro objetivo, longe de ser a posse da verdade, consiste em vencer todos os debates e dar mostras de sabedoria, em muitos casos ainda se locupletando financeiramente com isso. Aqui assomam os sofistas como Protágoras, Górgias, Antifonte e outros menores.

No começo do livro Gama Aristóteles já alertara que a sofística se distingue da filosofia precisamente pela escolha de vida (τοῦ βίου τῆ προαιρέσει) que adota, e que é sabedoria aparente, mas não real<sup>46</sup>. Assim, as suas refutações parecem se dirigir àqueles que ainda podem ganhar algo com elas, apesar de destruírem pelo caminho os tagarelas incorrigíveis. Ao discutir com tais pessoas e ao se envolver com esses problemas, a impressão de conjunto que Aristóteles parece ter, por um lado, é algo desesperançada. Ele pensa que, se esses homens que buscavam a verdade sustentaram tais opiniões, então é difícil que quem deseja filosofar não se desanime e veja a procura da verdade como algo tão estéril quanto caçar pássaros fugidios<sup>47</sup>. Por outro lado, seus livros, sua incansável atividade docente, suas

<sup>44</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1008b, 28-31.

<sup>45</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1009a, 17-22.

<sup>46</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1004b, 22-24. “(...) esses verdadeiros sofistas são inumanos não por cegueira filosófica, mas por decisão ética, por “intenção” justamente, e seu discurso imbatível é prezado demais na cidade”. CASSIN, B. *Ensaio sofísticos*. Traduzido por Ana L. de Oliveira e Lúcia C. Leão; Transliteração do grego e revisão técnica e filosófica Maura Iglesias. São Paulo: Ed. Siciliano, 1990, p. 34. No *Organon*, aparece definição similar da sofística, que enfatiza o seu lado de aparência: “Assim como há pessoas que preferem parecer sábios a sê-lo, em vez de o serem mesmo sem parecer, dado que a Sofística é uma sabedoria aparente e não real, e o sofista é o que negocia uma sabedoria aparente e não real, assim é evidente que se lhes torna mais necessário parecer que fazem obra de sabedoria, do que fazer obra de sabedoria sem parecer”. ARISTÓTELES. *Organon VI: (Elencos Sofísticos)*. Traduzido por Pinharanda Gomes. São Paulo: Nova Cultural, 2000, 1, 165a, 20-24. (Col. Os Pensadores).

<sup>47</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1009b, 34-40.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------



conclusões admiráveis asseguram que ele mesmo conseguiu superar tal desânimo inicial e encontrar algum alento na busca da verdade e na prática da filosofia.

Os erros em que incorrem seus oponentes nascem da adoção do sensacionismo e do mobilismo, como já foi exposto, e se relacionam particularmente com vários problemas. O primeiro deles – talvez o mais importante – tem que ver com as sensações. Aristóteles afirma que alguns pensadores confundem pensamento com sensação, e vêem nesta uma alteração contínua; daqui eles concluem que tudo o que aparece segundo as sensações é verdadeiro. Empédocles, por exemplo, defende que o pensamento se modifica quando também se transmudam as sensações, isto é, que o estado físico influencia o intelectual. Parmênides, Demócrito, Anaxágoras e até mesmo Homero, numa passagem de *Ilíada*, partilham de postura similar<sup>48</sup>. Este contexto argumentativo se assemelha bastante ao que é discutido no *De Anima*. Aristóteles também cita nesse livro Homero e Empédocles como pessoas que não distinguem o pensamento das sensações; ele afirma ali que todos crêem ser o pensar algo tão corpóreo quanto o perceber<sup>49</sup>. O seu esforço novamente consiste em mostrar a existência de duas instâncias distintas, cada uma das quais possui seus objetos e sua maneira de captá-los: enquanto as sensações apreendem o particular e, portanto, os acidentes, o pensamento apreende a forma das coisas, sua estrutura universal. O pensamento se sobrepõe assim ao fluir sensível e garante a estabilidade necessária ao conhecimento científico. Na percepção o objeto inteiro, com sua matéria e seus atributos, doa-se ao homem; no intelecto, ele se apresenta sem matéria, apenas em seu ser universal<sup>50</sup>. Há também outras razões pelas quais o pensamento difere das sensações. A percepção dos sensíveis próprios, por exemplo, é sempre verdadeira,

<sup>48</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1009b, 12-15.

<sup>49</sup> ARISTÓTELES. *De Anima*. Traduzido por Maria C. G. dos Reis.. São Paulo: Ed. 34, 2007, III, 3, 427a, 17. Protágoras, por exemplo, não encontrava na alma nada além das sensações. A descoberta da inteligência ou do intelecto, realizada por Platão e desenvolvida por Aristóteles, é um dos melhores argumentos contra o fenomenismo puro, pois não apenas institui uma faculdade cognoscitiva que se sobrepõe à sensibilidade absoluta, como também encontra certos objetos com características universais e imutáveis, que podem servir de base para a criação de uma ciência segura. “Dizia [Protágoras] nada ser a alma além das sensações”. ἔλεγέ τε μηδὲν εἶναι ψυχὴν παρὰ τὰς αἰσθήσεις. . DIELS-KRANZ, 1990, Testimonia 1.12-13 (Tradução nossa). Também Górgias, suposto discípulo de Empédocles, defende que nossa alma pode se abalar diante de determinadas sensações; ela está sujeita ao que percebe, como quando Helena se deixou levar pela visão do esbelto corpo de Páris. “Pois, aquilo que nós vemos tem a natureza, não a que nós queremos, mas a que cada coisa aconteceu ter; e, por meio da visão, a alma também é moldada nos seus modos”. ἂ γὰρ ὁρῶμεν, ἔχει φύσιν οὐχ ἦν ἡμεῖς θέλομεν, ἀλλ’ ἦν ἕκαστον ἔτυχε· διὰ δὲ τῆς ὁψεως ἡ ψυχὴ κἀν τοῖς τρόποις τυποῦται. DIELS, H. & KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 17. ed. Zürich: Weidmann, 1989., Frag. 11b, 15, 7-9; GÓRGIAS. *Elogio de Helena*. Traduzido por Maria C. de M. N. Coelho. São Paulo, Cadernos de Tradução, n. 4, DF/USP, 1999, p. 18.

<sup>50</sup> ARISTÓTELES. *De Anima*. Traduzido por Maria C. G. dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2007, III, 4, 429b, 10.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------



admitindo minimamente o falso, ao passo que o intelecto pode conter em si o erro, como ocorre quando racionamos mal em geometria. Entre essas duas faculdades, aliás, interpõe-se a imaginação, que aumenta a ainda mais a distância entre elas.

Do excessivo apego à sensibilidade também se engendra a idéia de que os contrários e as contradições se dão simultaneamente num mesmo sujeito. Esses pensadores percebem que os contrários são produzidos pela mesma coisa e, como crêem que nada possa vir do nada, deduzem que há em tal coisa a coexistência dos opostos manifestados<sup>51</sup>. Isto até pode ser admitido para aquilo que está em potência; todavia, aplicada ao que está em ato, essa crença vai naturalmente contra o princípio de não-contradição e expressa algo falso. Da constatação de que a natureza sensível se movimenta, além disso, eles passaram a crer que tudo se mova, e que é então impossível dizer a verdade. A idéia de que tudo seja de natureza sensível já está pressuposta nesse raciocínio. De fato, essa era uma questão controversa para a época. Enquanto Platão defendia a existência de objetos inteligíveis, separados da sensibilidade e existentes em si e por si mesmos, a maioria dos pré-socráticos e dos sofistas aferravam-se a certo materialismo, segundo o qual somente os objetos corpóreos e sensíveis existiam. No capítulo dois do livro Zeta da *Metafísica*, Aristóteles levanta várias hipóteses que se discutiam em torno disso. Antes de respondê-las, contudo, ele sente a necessidade de definir o que seja a substância. Embora de maneira crítica e mesmo diferente, sabe-se que Aristóteles ficará do lado de Platão, fazendo uma defesa da essência da substância como aquilo que mais a caracteriza<sup>52</sup>. Esses pensadores, assim, precisam ser convencidos de que existe uma natureza imóvel, além de outras coisas diversas das sensíveis, como os corpos celestes e os objetos matemáticos. Eis uma de suas conclusões:

A causa de tal opinião, no entanto, foi para esses filósofos que, se por um lado buscavam a verdade acerca dos entes, tomaram, por outro, apenas as coisas sensíveis como entes; mas a elas, pois, é intrínseca em grande medida a natureza do indeterminado e a [natureza] do ente tal como dissemos<sup>53</sup>.

<sup>51</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1009a, 22-28.

<sup>52</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1028b, 27. A questão sobre o que seja o ente, como se sabe, era algo muito controverso entre os pensadores gregos. Aristóteles admite seu caráter tradicional ao dizer que ela sempre já fora posta antigamente, e parece também dizer que ela sempre o será. Contudo, também parece afirmar que ela foi resolvida por ele, através da descoberta da substância. Cf. REIS, A. *A Ciência Geral do Ser; para Aristóteles, uma aporia ou uma solução?* Florianópolis: UFSC, 2009, mimeo.

<sup>53</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1010a, 1-4. (Tradução nossa). “Pero la causa de tal opinión fue para estos filósofos que, si bien investigaban la verdad acerca

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

O segundo erro de seus adversários consiste justamente em falarem desses entes indeterminados, mormente daqueles que se encontram em estado de potência<sup>54</sup>. Eles não consideram aquilo que está se manifestando em determinado momento num ente, nem a estabilidade e universalidade de sua essência, mas discorrem sobre todo o possível que nele se encerra e sobre seus acidentes. A refutação da crença de que tudo existe apenas segundo os acidentes já foi explicada acima: se há as substâncias, seres em si e por si, então também há uma necessidade absoluta (ἀπλῶς) que impede o completo relativismo. A idéia da pura potência, por sua vez, é repelida pela existência prévia da atualidade e por sua comparação com o não-ser. Novamente Aristóteles se vale de raciocínio analógico: a determinação está para o ente em atualidade, assim como a indeterminação está para o ente em potência. Para que façam valer suas teses, portanto, os sofistas são obrigados a se enredarem nas malhas do não-ser, um juízo que ecoa claramente a posição de Platão expressada no *Sofista*<sup>55</sup>.

Os erros em que incorrem os oponentes de Aristóteles, portanto, relacionam-se primordialmente com a maneira como tratam sensações e os entes em potência. É certo que eles também não se dão conta de certos arrazoados que facilmente lhes poderiam tornar evidente a fraqueza de suas teses: nem ao menos podem admitir que suas próprias definições tenham sentido específico e, se sustentam que tudo é relativo, então isso vale igualmente para essa afirmação, que se auto-anula<sup>56</sup>. Ademais, por questão de ignorância ou má-educação (ἀπαιδευσία), eles buscam demonstração para tudo, sem se deterem diante do que não pode ser demonstrado<sup>57</sup>, e forjam uma série de argumentos apenas em vista da força, não da razão. Não é apenas a sua maneira de raciocinar, destarte, que precisa ser corrigida, mas toda a sua postura diante da investigação da verdade. À parte todos os seus deslizes metodológicos e filosóficos, há também a escolha de vida que fazem, a qual determina seu modo de investigar.

---

de los entes, consideraron que sólo eran entes los sensibles; y a estos les es inherente en gran medida la naturaleza de lo indeterminado y la del Ente tal como dijimos”.

αἴτιον δὲ τῆς δόξης τούτοις ὅτι περὶ τῶν ὄντων μὲν τὴν ἀλήθειαν ἐσκόπουν, τὰ δ' ὄντα ὑπέλαβον εἶναι τὰ αἰσθητὰ μόνον· ἐν δὲ τούτοις πολλὴ ἢ τοῦ ἀορίστου φύσις ἐνυπαρχει καὶ ἢ τοῦ ὄντος οὕτως ὥσπερ εἶπομεν·

<sup>54</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1007b, 27-30.

<sup>55</sup> PLATÃO. “Sofista”. Traduzido por Jorge Paleikat e João C. Costa. In: *Diálogos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, 254a. (Col. Os Pensadores).

<sup>56</sup> Novamente coincide tal conclusão com o *Teeteto*. Cf. PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Traduzido por Carlos A. Nunes. Belém: UFPA, 1988, 171a.

<sup>57</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982, 1006a, 6; 1011a, 8-10.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

## Conclusão

Muitos pontos poderiam ser destacados da exposição realizada acima. O seu objetivo não foi percorrer todos os argumentos e todas as discussões que figuram no livro Gama da *Metafísica*, o que exigiria espaço, tempo e profundidade muito maiores; foi antes o de selecionar determinados raciocínios, conforme os julgamos relevantes, em torno da refutação dos sofistas. Por isso tivemos de ser superficial em muitas passagens. Tornou-se necessário esboçar brevemente a construção aristotélica da ciência do ente enquanto ente, a fim de que as discussões seguintes se situassem. Depois, tentamos dar alguma ênfase ao tom pragmático com que Aristóteles rebate algumas opiniões, pois acreditamos que a maioria dos outros argumentos decorrem fundamentalmente do que é alcançado por via destes. De fato, em nenhum momento Aristóteles parece deixar de olhar para os objetos do dia-a-dia, para as nossas ações mais singelas, para a efetividade de nossa comunicação e para aquela sorte de conhecimento pragmático que nos garante, junto com isso tudo, a evidência mais clara da validade do princípio da não-contradição. Certo é que seus arrazoados também atingem elevado nível técnico e teórico, e que se não reduzem a evidências extraídas de nossas atitudes: a sua teoria da substância, por exemplo, é usada e pressuposta talvez em todos os momentos<sup>58</sup>, bem como suas reflexões sobre o movimento, sobre a astronomia, sobre a geração e a corrupção, sobre o ato e a potência etc. Ademais, a sua antropologia filosófica relativa ao conhecimento, tal como desenvolvida principalmente no livro Alfa, mostra a naturalidade com que nos aprendemos determinados fatos sobre o mundo, coisa que por si só pressupõe a adoção do princípio da não-contradição. E o mesmo se diga quanto às suas considerações sobre os sentidos, tal como apresentadas no *De Anima*. Ainda poderia ser levada em conta a assertiva da *Poética*, segundo a qual aprendemos nossas primeiras noções (*μαθήσεις πρώται*) através da imitação<sup>59</sup>. Ora, para que algo seja aprendido por via da mimese, temos necessariamente de diferenciar as possíveis imitações entre si, reconhecer padrões de similaridade e usar, pois, do princípio aqui defendido.

<sup>58</sup> Para Zingano, por exemplo, o argumento semântico utilizado por Aristóteles não pressupõe o essencialismo, o que seria uma petição de princípio, mas é perfeitamente compatível com ele. As considerações sobre a substância seriam a exposição dessa coincidência, e não a prova do princípio de não-contradição, o que é feito em bases puramente discursivas e dialéticas e não em bases ontológicas. ZINGANO, 2003, p. 23; p. 28-30.

<sup>59</sup> ARISTÓTELES. *Poética*. Traduzido por Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1987, 1448b, 7-8. (Col. Os Pensadores)

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

Aristóteles parece ter levado a sério os sofistas não apenas pela perspicácia dos argumentos que eles apresentavam, mas também pela influência que tinham naquele tempo e na maneira grega de pensar. Com efeito, eles radicalizam formas de pensar e conceber o mundo que se fazem presentes desde os pré-socráticos até a tragédia, formas essas que aceitam a vigência simultânea de princípios contraditórios, que se aferram à sensibilidade e que, muitas vezes, chegam ao ponto de ignorar aqueles conhecimentos que são oferecidos pelo cotidiano. Toda a defesa do princípio da não-contradição é uma luta contra a primeira dessas formas mencionadas, que está presente em Heráclito, em Empédocles, em Protágoras, em Górgias etc. Ela mesma se origina, segundo Aristóteles, pela exacerbação da segunda, isto é, por aquilo que Bárbara Cassin chamou corretamente de *hýbris* fenomenológica<sup>60</sup>; e também, poderíamos dizer, pela não consideração da terceira. O triunfo da metafísica platônico-aristotélica decorre essencialmente da descoberta de certos tipos de objetos, de certas estruturas que aceitam a ordem, a estabilidade, a não-contradição, e que são refratárias à completa mixórdia e à completa instabilidade das sensações; e também da descoberta de uma faculdade própria para captar esses entes. Não discutiremos se tais objetos realmente existem ou se não passam de invenção inteligente, de um feitiço da linguagem, da suposição de uma gramática *a priori*. À parte isso, vale considerar que essa posição predominou ao longo do Ocidente e recalcou sua adversária. Assim, ao lermos o livro Gama, deparamo-nos com a defesa de uma postura que se tornará o cerne de toda a tradição intelectual seguinte, até o final do século XIX e início do século XX, quando começará a ser contestada<sup>61</sup>. A leve ênfase que colocamos em sua pragmaticidade, pois, visa mostrar que não se trata apenas de uma teoria, de uma criação do pensamento, mas de um modo de vida que respeita certos critérios éticos e que valoriza determinados tipos de juízos. Em termos éticos, o que falta aos sofistas são aquelas virtudes intelectuais e aqueles valores que eram cultivados no Liceu, onde a vida segundo o espírito organizava pesquisas metódicas e perfilhava uma ética do desinteresse e da objetividade<sup>62</sup>. Em termo de juízos, falta-lhes a capacidade de dar mais

<sup>60</sup> CASSIN, B. *Ensaio sofísticos*. Traduzido por Ana L. de Oliveira e Lúcia C. Leão; Transliteração do grego e revisão técnica e filosófica Maura Iglesias. São Paulo: Ed. Siciliano, 1990, p. 144.

<sup>61</sup> Para Almeida, trata-se da “primeira fundamentação da metafísica através de um princípio primário de verdade que pode tanto ser apresentado na forma do princípio de não-contradição quanto na forma do princípio do terceiro excluído, o qual foi definitivamente estabelecido como princípio fundamental dos pontos de vista epistêmico, lógico e ontológico justamente por Aristóteles”. ALMEIDA, N. *Os princípios de verdade no livro IV da Metafísica de Aristóteles*. Revista *Princípios*, Natal, v. XV, n.23, jan./jun. 2008, p. 05-63, p. 63.

<sup>62</sup> Cf. HADOT, 1999, cap. 6. Conferir também a análise de Lukasiewicz, que a partir de tais debates contrapõe o espírito aristotélico com o de seus contemporâneos. LUKASIEWICZ, J. “Sobre a lei da contradição em

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

crédito à verdade e menos à aparência, mais ao determinado e menos ao indeterminado<sup>63</sup>. Formulada dessa maneira a problemática, vemos que a idéia aristotélica, consoante a qual a sofística se diferencia da filosofia por uma questão de escolha de vida, deve ser tomada ao pé da letra.

## Referências

ALMEIDA, N. *Os princípios de verdade no livro IV da Metafísica de Aristóteles*. Revista Princípios, Natal, v. XV, n.23, jan./jun. 2008, p. 05-63.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Valentin García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982.

\_\_\_\_\_. *Organon VI* (Elencos Sofísticos). Traduzido por Pinharanda Gomes. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Col. Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. *Poética*. Traduzido por Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1987. (Col. Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. *Aristotelis Categoriae et Liber de Interpretatione*. (Ed.) MINIO- PALUELLO. Oxford, New York: Oxonii, Typographeo Clarendoniano, 1949.

\_\_\_\_\_. *Aristotelis Topica et Sophistici Elenchi*. (Ed.) ROSS, D. W. Oxford, New York: Oxonii, Typographeo Clarendoniano, 1958.

\_\_\_\_\_. *De Anima*. Traduzido por Maria C. G. dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2007.

ANGIONI, L. *Introdução à teoria da predicação em Aristóteles*. São Paulo: Editora Unicamp, 2006.

BARNES, J. *Metaphysics*. In: Barnes, J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge University Press, 1995, p. 66-108.

CASSIN, B. *Ensaio sofísticos*. Traduzido por Ana L. de Oliveira e Lúcia C. Leão; Transliteração do grego e revisão técnica e filosófica Maura Iglesias. São Paulo: Ed. Siciliano, 1990.

\_\_\_\_\_. *Aristóteles e o logos – contos da fenomenologia comum*. Traduzido por L. P. Rouanet. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

CORNFORD, F. M. *Antes e depois de Sócrates*. Traduzido por Valter L. Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DIELS, H. & KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 17. ed. Zürich: Weidmann, 1989.

DUTRA, L. H. A. *Oposições filosóficas: A epistemologia e suas polêmicas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.

GÓRGIAS. *Elogio de Helena*. Traduzido por Maria C. de M. N. Coelho. São Paulo: Cadernos de Tradução, n. 4, DF/USP, 1999.

Aristóteles”. Traduzido por Raphael Zillig. In: ZINGANO, M. (org). *Sobre a Metafísica de Aristóteles. Textos Seleccionados*. São Paulo: Odysseus, 2005, p. 1-25, p. 22.

<sup>63</sup> NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal*. Traduzido por Paulo C. Souza. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 11.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

- GUTHRIE, W. K. C. *Os sofistas*. Traduzido por João R. Costa. São Paulo: Paulus, 1995.
- HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* Traduzido por Dion D. Macedo. São Paulo: Loyola, 1999.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Traduzido por Márcia Sá C. Schuback. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Traduzido por Márcio Suzuki. Aparecida: Idéias e Letras, 2006.
- LAÉRCIO, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Traduzido por Mário G. Kury. Brasília: Editora UNB, 1988.
- LUKASIEWICZ, J. “Sobre a lei da contradição em Aristóteles”. Traduzido por Raphael Zillig. In: ZINGANO, M. (org). *Sobre a Metafísica de Aristóteles*. Textos Seleccionados. São Paulo: Odysseus, 2005, p. 1-25.
- MORUJÃO, A. F. “A Filosofia como Saber Rigoroso de Fundamentação”. In: *Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia*. Braga: Faculdade de Filosofia, 1982. Tomo XXXVII da Revista Portuguesa de Filosofia, Braga, v. II, fascículo 4, outubro/dezembro, 1982, p. 32-49.
- NIEZTSCHE, F. W. *Além do bem e do mal*. Traduzido por Paulo C. Souza. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PLATÃO. “Fédon”. Traduzido por Jorge Paleikat e João C. Costa. In: *Diálogos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os Pensadores)
- \_\_\_\_\_. *Platonis Opera*. Tomus I (org. DUKE, E. A. et alii). New York: Oxford University Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Sofista*. Traduzido por Jorge Paleikat e João C. Costa. In: *Diálogos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979. (Col. Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. *Teeteto e Crátilo*. Traduzido por Carlos A. Nunes. Belém, UFPA, 1988.
- REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. Traduzido por Henrique C. L. Vaz e Marcelo Perine. v. 2. São Paulo, Loyola, 1994.
- REIS, A. *A Ciência Geral do Ser; para Aristóteles, uma aporia ou uma solução?* Florianópolis: UFSC, 2009, mimeo.
- ROMEYER-DHERBEY, G. *Os sofistas*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- ROSS, Sir D. *Aristotle*. 6. ed. London and New York: Routledge, 1995.
- VERDAN, A. *O ceticismo filosófico*. Traduzido por Jaimir Conte. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.
- ZINGANO, M. *Notas sobre o Princípio de Não Contradição em Aristóteles*. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, v. XIII, Série 3, n. 1, jan./jun. 2003, p. 7-32.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p.99-119
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------